



Uns tocam flautas para espantar os maus espíritos.



Outros dançam em fila para homenagear seus mortos.

A festa da vida e da morte no Alto Xingu

Usando toras de madeira, o deus Mavutsinim fez os homens e tentou ressuscitar os mortos. Para louvar o seu deus e os seus mortos, os índios do Xingu se reúnem no Kuarup.

REALIDADE NOV. 73

Kuarup, a cerimônia mais importante entre os índios que habitam o Xingu, não é regular, nem freqüente. Só a morte de um índio nobre justifica uma. Há pouco, um nobre morreu. Os repórteres Valdir Zwetsch e Luigi Mamprin contam a bela cerimônia de homenagem ao morto e de tributo à lenda da criação.

A lenda

No começo, só havia Mavutsinim convivendo com os bichos do alto Xingu. Depois de criar o Sol e a Lua, Mavutsinim transformou uma concha em mulher e teve um filho com ela. Abandonou-a e ela voltou a ser uma concha no rio. Então, Mavutsinim decidiu criar outras pessoas. Trouxe troncos de árvores da mata, fincou-os na areia, acendeu uma fogueira e cantou. Quando o Sol apareceu, ostroncos se moveram. Mavutsinim cantou mais. E os paus vira-

ram gente — como ele queria.

Mavutsinim mandou que os *morerekwat* (índios nobres) recém-criados escolhessem seus pertences e fossem viver onde quisessem — e, assim, caracterizou as tribos. Três ficaram no Xingu: uma escolheu o arco preto (tribo Kamayurá), outra pegou o arco branco (tribo Kuikuru) e a terceira ficou com a panela (tribo Waurá). Outra pegou a borduna e foi para longe (tribo Txucaramãe). Mais tarde, a História empurrou o homem branco até o Xingu e exigiu uma retificação mitológica: Mavutsinim teria criado também os caraíbas, a tribo de homens brancos que escolheram a arma de fogo e também se foram para longe.

Os peixes saíram dos rios e vieram brigar com as onças, junto aos *morerekwat*. Mavutsinim transformou-os também em gente: eram os índios comuns, sem linhagem. E essa gente toda se multiplicou, espalhando-se pelo universo

xinguano. O tempo passou e a doença e a velhice mataram muitos índios. Então o grande deus Mavutsinim — que tudo podia — quis também que os mortos voltassem à vida.

Foi então para o mato, cortou três toras de madeira de uma árvore que os índios chamam de *kuarup*. Fincou-as na aldeia, pintou-as como índios, encheu-as de enfeites. Chamou o sapo-cururu e a cutia e, ajudado por eles, começou a cantar, chamando os *kuarup* à vida. Na manhã do terceiro dia, os paus já tinham forma de gente, da metade para cima. Mavutsinim mandou que todo o pessoal ficasse dentro de suas casas: só ele podia ver a transformação. Ao meio-dia, os *kuarup* já se mexiam e tentavam sair dos buracos. Estava quase completa a transformação e o pessoal já podia sair das casas e gritar, cantar, promover alegria. Todos, menos as mulheres e os homens que tivessem mantido rela-



Com arte, paciência e acompanhados por um fundo de cantorias, os índios “vestem” os kuarup.

ções sexuais durante a noite. Mas o único homem que estava nessa situação não agüentou a curiosidade e saiu para ver os *kuarup*. Imediatamente eles pararam de se mexer e voltaram a ser apenas troncos de madeira. Mavutsinim ficou furioso:

— Eu ia trazer os mortos de volta à vida. Mas agora vai ser sempre assim. Os mortos não reviverão mais quando se fizer o *kuarup*. Será só uma festa, sempre.

Os *kuarup* foram tirados do buraco, sem vida, e jogados na mata ou na água, em algum lugar do Morená — o sítio sagrado dos índios xinguanos.

A preparação

Protegida pela tenacidade dos irmãos Villas Boas no Parque Nacional do Xingu, as tribos sobrevivem à investida dos caraíbas (“civilizados”), ainda mantêm quase intactas suas características

e tradições culturais. Delas — funcionando como elemento de integração entre os Kamayurá de arco preto, Kuikuru de arco branco, Waurá de cobiçada cerâmica, e, ainda, os índios sem nenhuma característica especial, os Meina-ko, Walapiti e Matypu —, a cerimônia mais importante é o *kuarup*. É o momento em que os índios homenageiam seus mortos e prestam um tributo à lenda da criação.

Não é uma cerimônia regular, nem mesmo freqüente, pois só a morte de um *morekawat* justifica um *kuarup*. Mas, quando ocorre festa, os índios comuns, descendentes dos peixes e das onças, que morreram na aldeia desde o último *kuarup*, também são homenageados. Cada um deles será representado por um tronco de *macunhã* escuro, se o morto for homem, ou claro, se for mulher.

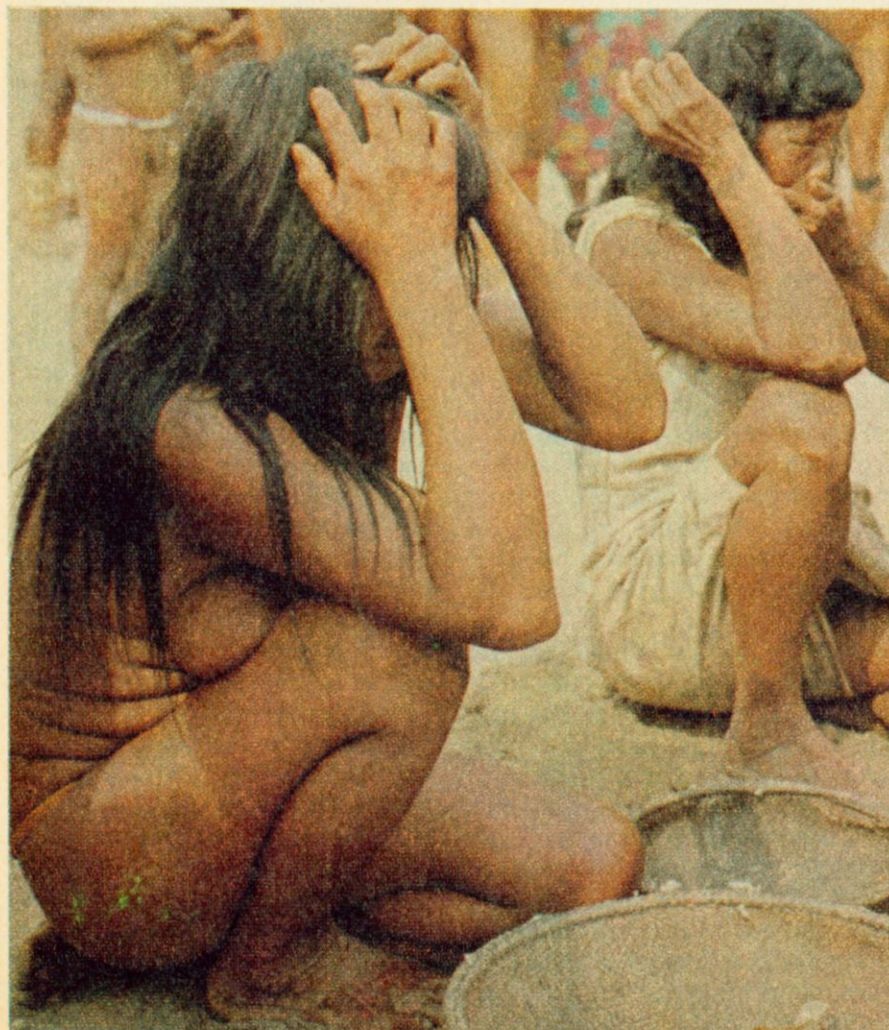
Os preparativos para a cerimônia começam logo depois do enter-

ro, no centro da aldeia, do *morekawat* a ser homenageado. O parente mais próximo do morto (primogênito, pai ou irmão mais velho), chamado “dono do morto”, escolhe um *morekawat* de prestígio dentro da aldeia para organizar e promover o *kuarup*. Este “dono do *kuarup*”, além de delegar poderes a um terceiro índios, uma espécie de mestre de cerimônias, que vai conduzir efetivamente a festa, escolhe a lua em que ela será promovida — normalmente, no fim do ciclo seco amazônico, entre agosto e outubro — e fiscaliza a movimentação que cresce dentro da aldeia, à medida que se aproxima a data.

Desde cedo as mulheres começam a armazenar mandioca e bolos de polvilho para o *beiju* que será oferecido aos visitantes. Apesar de já terem providenciado tantos mantimentos, as crianças ainda colhem sementes de piqui pelos arredores, pois para um *kua-*▷



Enquanto os kuarup são vestidos, as mulheres trancam-se nas malocas.



Só saem quando eles ficam prontos, chorando e cantando ladainhas.

rup ter sucesso não pode faltar comida. Os homens fazem cocares coloridos, colares e cintos de conchas e fio de algodão. E juntam o urucum e o jenipapo que será usado para pintar o corpo nos dias da festa. Os mais jovens cumprem um alegre e rígido programa de exercícios físicos: precisam ser os melhores lutadores de *huka-huka* (a luta dos índios) no *kuarup*.

As outras tribos são desafiadas — A uns quinze dias da festa, escolhem-se as duplas de *pareat* (mensageiros) que vão às aldeias vizinhas convidar para a cerimônia. A chegada dos *pareat* obedece a um ritual que revela o antagonismo entre as tribos xinguanas, apesar de suas relações pacíficas e amigáveis. Do mato, os *pareat* gritam para os índios da aldeia e só entram quando chamados pelo “capitão” (chefe). São recebidos no centro do terreiro e, num longo discurso, explicam que vieram convidar para a festa e desafiar para a luta. O “capitão” diz que vai consultar os *morerekwat* da aldeia e, extremamente descortês com os rivais, deixa os *pareat* sentados no meio do terreiro, embaixo do sol forte durante longo tempo.

Quando começa a anoitecer, o “capitão” vem até os *pareat* e dá, humildemente, a resposta de sempre: “Nosso povo já não está tão forte quanto antes, nossos lutadores não estão à altura dos seus, vai ser muito difícil ir até sua aldeia, mas, em consideração aos mortos, o convite foi aceito”.

Só então o chefe oferece comida aos mensageiros. E essa indelicadeza ritual será compensada no dia da festa: os convidados irão carregados de presentes e serão especialmente generosos com os *pareat*.

Enquanto os dois mensageiros percorrem a mata distribuindo os convites, os homens da aldeia que promove a festa empenham-se numa das operações mais importantes de um *kuarup*: a pescaria coletiva. Todos os homens sadios colaboram, e isso é quase uma obrigação. Espalham grande quan-



Os homens reúnem-se ao redor dos kuarup para fumar longos cigarros de palha e embira.

tidade de timbó (uma planta tóxica) na água e pegam os peixes, entorpecidos, com redes, flechas e até com as mãos. Chegam a passar dez dias consecutivos pescando. E quando retornam à aldeia podem levar até meia tonelada de peixe.

A festa

Bem cedo, antes de nascer o Sol, os homens se reúnem no terreiro da aldeia, em frente à casa da *jakuy* (flauta que só pode ser tocada e vista pelos homens). Quando surge o Sol, entram na maloca onde morava o *morekewat* morto, gritam em sua homenagem e saem em fila, acompanhando o ritmo da dança com vigorosas pisadas do pé direito. Dançam em círculo no meio da aldeia, gritam como pássaros e correm para o mato.

As mulheres trancam-se nas malocas, porque os homens foram buscar os troncos de *macunhã* e elas, por enquanto, não podem vê-los. À margem da aldeia, os homens começam a pintura dos *kuarup*: o desenho da cobra sucuri para o tronco-homem e o do peixe pintado para o tronco-mulher. O

trabalho é acompanhado por dois cantadores — os *maracá-êp* — que, além de cantar, dançam e sacodem seus chocalhos, ajudando os mortos a encontrarem o caminho do *Ivat*, a aldeia sobrenatural da bem-aventurança, o paraíso dos índios.

No fim da pintura há uma explosão de dor na aldeia: enquanto os *kuarup* são levados para

o centro do terreiro, as mulheres e os parentes dos mortos aproximam-se, chorando e cantando ladinhas patéticas. Trazem grande quantidade de enfeites e ali vestem os troncos: o cocar de penas azuis e amarelas, o cabelo branco de algodão, várias cintas de embira, braçadeiras de penas pretas — já não é o tronco de *mucunhã* que está ali, mas o próprio *morerek-*

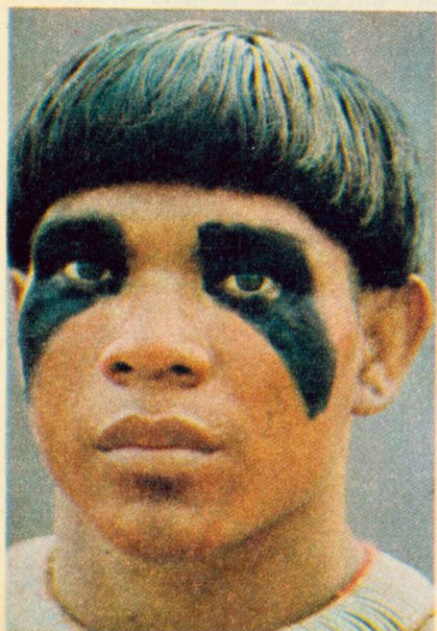


Para não sonhar, os índios passam a noite acordados e velando kuarup.



Chegada das tribos vizinhas, trazendo objetos para o moitará — comércio de troca entre os xinguanos.

wat, cercado pelos outros índios que o acompanham na caminhada rumo ao *Ivat*. À sua frente as mulheres já colocaram o *beiju* e o peixe de que eles vão precisar para matar a fome no longo trajeto.



Pintam-se com urucum e jenipapo.

Os homens armam um telhado de palha sobre os *kuarup* e dançam. Os visitantes já estão acampados no mato, ao redor da aldeia: enquanto não são convidados a entrar, recebem informações e alimentos dos *pareat*.

Para evitar os sonhos, os índios não dormem — Embaixo da proteção de palha, junto aos *kuarup*, os homens da aldeia, liderados pelos pajés, aguardam a noite fumando compridos cigarros de palha de embira e tabaco. Os lutadores pintam-se uns aos outros com urucum e jenipapo. O cabelo, em forma de tigela, ganha uma coloração vermelho-alaranjada brilhante. No rosto, a partir dos olhos, desenham uma meia-máscara preta. No peito e nas costas, a representação dos bichos que vão inspirá-los durante a luta: a cobra sucuri, a onça-pintada, a borboleta, o gavião.

Quando a Lua cheia espalha

sua luz sobre a aldeia, os grupos visitantes são trazidos da mata pelos *pareat*, com tochas de palha, conduzidos pelos pulsos. Dançam ao redor dos troncos de *kuarup*, ouvindo a ladainha triste dos *maracá-êp*, e espalham faíscas brilhantes por todos os lados — e assim afugentam os *mamaés* (os maus espíritos que a noite traz).

Nesta noite os lutadores não vão dormir. Se dormirem, podem sonhar, e se, por acaso, algum sonhar que teve um braço ou uma perna quebrada ou simplesmente que perdeu a luta, com certeza será derrotado na manhã seguinte. A madrugada encontra-os dispostos, retocando a pintura e espalhando pelo corpo o óleo de pequi que os deixa escorregadios e difíceis de serem agarrados na hora da luta. Junto aos *kuarup*, os pajés acendem os cigarros de palha e aguardam a entrada pomposa das tribos visitantes. Acima das últimas nuvens, os mortos já caminham em busca do *Ivat*.



Sem usar recursos desleais, tentam derrubar um ao outro. É a luta huka-huka, o melhor momento do kuarup.

A luta

Na frente dos *kuarup* há banquinhos especiais para os “capitães” de grande linhagem — os netos do filho de Mavutsinim. Eles não lutam, só aqueles que descendem dos peixes e onças que lutaram no dia da criação. E é sentados nesses banquinhos que eles recebem os “capitães” das tribos visitantes na manhã do segundo dia de festa. Para cada tribo que entra, carregada de presentes, os “capitães” têm palavras de elogio, respeito e agradecimento. As tribos permanecem agrupadas ao redor do terreiro, de frente para os *kuarup*, em lugares previamente determinados pelo “mestre de cerimônias”.

Os lutadores, com os músculos duros brilhando de óleo e sol, dançam e gritam em honra dos mortos. E assim praticamente encerram a parte religiosa do *kuarup*, pois a essa altura a alma do *more-*

rekwat, e de seus companheiros, já está no rumo certo.

Resta agradecer a Mavutsinim a força que deu aos descendentes dos índios que ele criou a partir de troncos de árvores, peixes e onças.

E esse é o momento mais emocionante da festa: o momento do *huka-huka*.

O “mestre de cerimônias” destaca-se do seu grupo e desafia uma das tribos visitantes para a luta. E ▷



A mãe do lutador limpa-o e ajuda-o, em meio aos gritos de incentivo



Untados com óleo de piqui, os melhores lutadores do Xingu aguardam o início da emocionante huka-huka

chama os cinco melhores lutadores da aldeia. Cada um que é chamado bate vigorosamente o pé direito no chão, repetindo o gesto várias vezes e rapidamente. Depois corre para o meio do terreiro, ajoelha-se em reverência e coloca as mãos no chão. Assim, atento, com a cabeça erguida, como um valoroso bicho lustroso, fica à espera do seu adversário.

O primeiro lutador da tribo desafiada é chamado e repete as batidas de pé no chão, ouve os gritos de incentivo de sua gente e corre em direção ao adversário, que já está de pé, pronto para lutar. A pouco mais de um metro de distância um do outro, os dois giram em círculo, olhos fixos um no outro. Em poucos segundos jogam-se de joelhos no chão, esturando como onças, e lançam-se um contra o outro. Abraçado ao adversário, a cabeça encharcada de urucum manchando o pescoço do inimigo, cada um tenta pegar o outro pelas pernas e derrubá-lo. Quem conseguir isso, vence a luta.

Uma luta, na maioria das vezes,

não dura mais do que uns quarenta segundos. E há muita dignidade entre os lutadores: ninguém usa golpes baixos, ninguém vai além do necessário para mostrar sua vitória e, muitas vezes, sentindo que o adversário “amoleceu”, um índio interrompe a luta sem mesmo derrubá-lo. Uma vitória assim, numa luta sem juízes, tem mais valor do que qualquer outra. E, como a festa é de amizade, os lutadores sempre se abraçam sorrindo no fim da luta.

Depois dos presentes a festa termina — Quando um índio da aldeia que promove a festa derruba um adversário, seu pai corre até o derrotado e limpa suas costas: é uma demonstração de respeito pelo adversário derrotado e uma espécie de “quebra-gelo” para que não venham a ser considerados maus anfitriões.

As mães dos lutadores também se emocionam e incentivam tanto seus filhos que quase chegam a participar da luta — limpando a

poeira que gruda no corpo untado de óleo formando uma crosta, ou provocando a família dos adversários.

O *huka-huka* é tão importante para os índios xinguanos que o valor dos homens é medido também por sua destreza e força demonstrada nas lutas. E, principalmente, por suas vitórias. Um grande campeão cresce em prestígio tanto para o pessoal de sua aldeia, quanto para toda a população indígena do alto Xingu.

E há lutas memoráveis incorporadas à cultura xinguanas. Uma delas é a de Tacumã, atual “capitão” e principal pajé dos Kamayurá, e Sariruí, grande campeão Walapiti. Foi há mais de dez anos, uma das lutas mais esperadas pelos índios do Xingu, pois os dois eram campeões invictos. Frente a frente, pareciam duas feras: lançaram-se um contra o outro e Tacumã, incrivelmente perspicaz e rápido, notou um ligeiro desequilíbrio, um resvalo quase imperceptível de Sariruí, e aproveitou-se disso para atirá-lo no chão. Os Kamayurá



O valor dos homens é medido pela sua força. E um grande campeão cresce em prestígio em todo o Alto Xingu.

ficaram tão excitados que o pai de Tacumã, Tamapu, avançou contra a primeira mulher Walapiti que tinha pela frente, derrubou-a no chão e simulou o ato sexual, gritando:

— Vou fazer um campeão em você agora, porque os do teu povo não prestam mais!

Depois das lutas dos campeões, todos os índios desafiam seus amigos de outras tribos. Em pouco tempo, o terreiro está cheio de índios lutando ao mesmo tempo, inclusive velhos e meninos.

O *kuarup* está chegando ao fim. Duplas de índios visitantes percorrem a aldeia tocando as flautas *uruá* de casa em casa. É a última homenagem aos anfitriões, um agradecimento à hospitalidade recebida. De uma ou outra maloca saem acompanhados de meninas adolescentes que estavam em reclusão, embelezando-se e deixando crescer a franja para o casamento.

A tarde é reservada para o *moitará* (troca de objetos entre as tribos). Depois, os convidados tomam novamente as picadas pelo

meio do mato e retornam às suas aldeias. É o fim do *kuarup*.

Alguns homens despem os troncos e os arrancam do chão. São simplesmente troncos de *macunhã* outra vez. Poucos índios e algumas crianças os levam rolando pelo chão até o mato ou para den-

tro da água. As almas das pessoas que viveram neles durante o *kuarup* já devem estar chegando ao *Ivat*, onde vão encontrar o mesmo arco, a mesma flecha e os mesmos enfeites que usavam na terra. É uma felicidade tão grande quanto a de viver nas matas do Xingu. ○



É o fim da festa. Os troncos são arrancados e jogados na lagoa do Ipavu.